

O enxobre maestro galego

XAN MONTES

SONETO

Montes e os seus orfeões na poesia do seu tempo

O sacro che deron de xuntares
‘Os remores que gardan os pinares’
O cantar harmonioso d’ os silgueiros?

¿Quén ch’ inspira eses cantos feiticeiros
Que ritatan tan ben nosos penares,
Ou qu’ asomellan d’ os leixanos mares
Os ecos qu’ hastra nós chegan tristeiros?

Mais ¿á que perguntar cando conozo
O terro amor que sempre lle mostraches
‘A terra en que naciches, dende mozo?’

Fernando G. Jácome
Lugo, abril de 2019

Por ese amor sin trégoa traballaches
Y o pobo que te quere ve con gozo
N-a tua frente os laurés que conquistaches.

AMADOR MONTENEGRO.

Vigo, Setembre de 1890.

Montes e os seus orfeões na poesia do seu tempo

Introdução

Não é um facto mui conhecido, na ainda escassamente conhecida biografia de J. Montes, que poetas ilustres como Pondal, Leiras Pulpeiro ou Aureliano J. Pereira, por citar alguns deles, escreveram poesias dedicadas ao nosso músico.

Além do uso que Montes, como compositor, fez da obra dos poetas do seu tempo como material sobre o que criar as suas obras: Rosalia de Castro para as baladas "Doce sono" e "Negra sombra", Aureliano Pereira para as baladas "Lonxe da terriña" e "O pensar do labrego", a cena coral "A sega", a moinheira "Maruxiña, se quiseres", o "Vals a la Venatoria", Curros Enríquez para a balada "Unha noite na eira do trigo", Salvador Golpe Varela para a balada "As lixeiras anduriñas", Segismundo Rois na pregária "El piélagos del mundo" e na mazurca "Delante de tu reja", Xesús Rodríguez López na moinheira "O bico", Isidoro Roso em "Una flor a María", etc... também os poetas da época de Montes se inspiraram na figura do célebre músico para as suas criações literárias.

Trabalhando como músico em diversos âmbitos, a figura de Montes pouco a pouco foi medrando e atingindo um maior reconhecimento tanto na sua cidade natal, Lugo, como fora da cidade e mesmo da região galega. Desde o seu primeiro prêmio como compositor, logrado em 1887 polo seu "*Te Deum*" para coro e orquestra num certame de composição celebrado no Escorial (Madrid) Montes, que para os lucenses era o fundador e ex-diretor da banda municipal e diretor do afamado *Orfeón Lucense* que conseguira tão soado prêmio no certame de Ferrol começou a ser uma figura a cada passo mais e mais querida e admirada. No ano de 1888 criou o *Orfeón Gallego*, com o que obterá fama e a glória dos laureados com as suas participações nos certames de orfeões de Santander e Bilbao no 1892, que o projetaram também como uma figura musical de relevo em toda España. Ademais como compositor recebeu também em Vigo no 1888 sendos prêmios por uma Aborada e um "Pasodoble". Entre 1887 e 1892 já levava conseguidos uma dúzia de galardões como compositor, e dado à sua cidade de Lugo a oportunidade, com cada prêmio, de festejar com orgulho o seu filho.

Com o presente trabalho trato de reunir as poesias que inspirou a genial figura do compositor J. Montes Capón. Além dos exaustivos trabalhos de Juan Baustista Varela de Vega (q.e.p.d.) sobre a vida de Montes e a sua relação com os poetas, aos que fazemos ralação na página web do Grupo vocal Solo Voces, apporto alguns datos e obras que ele ignorou, ou que lhe passaram inadvertidas, como as décimas que compôs Alfredo Brañas e foram recitadas em Santiago na velada celebrada em novembro de 1899, à morte de Montes, e que permaneceram ocultas durante 50 anos até que foram publicadas num jornal de Santiago de Compostela, e que de tê-las conhecido o esforçado biógrafo de Montes de seguro estaria encantado de poder incluir no seu trabalho "El músico Juan Montes y los poetas gallegos".

Nessa publicação o autor oferece a versão do poema de Leiras Pulpeiro tirada de "Manuel Leiras Pulpeiro: Poesía galega completa" identificando-a como a mais antiga edição, que data - se não estou errado- de 1984, entanto eu apporto a edição publicada pola imprensa lucense com motivo do primeiro cabodano de montes, no 1900, e mais a imagem da página da revista "Céltiga" de fevereiro de 1932 onde é publicado o dito poema. Do mesmo jeito identifica como versão mais antiga do poema de Pondal "À memória de Jan Montes" a publicada pola Real Academia Galega no 1935 quando no presente trabalho apporto a versão também publicada na imprensa lucense no mês de outubro de 1899.

Também, com ânimo de guardar fidelidade às fontes antigas, conservo o jeito que cada autor utilizou para verter em escritura o seu idioma galego, que na altura carecia de uma ortografia normalizada aceiteada no nosso país. É de interesse comprovar como cada autor resolvía questões fonéticas retorcendo e deturpando a ortografia castelhana na que se baseavam para exprimir a sua língua galega. Neste aspecto apenas corriji algum erro evidente.

Polo dito, sirva como complemento à obra de Bautista Varela de Vega.

1. Na veladas do *Orfeón Lucense* em Lugo no 1881

No ano 1879 Montes fundou o *Orfeón Lucense* a partir de uma agrupação de jovens cantores, criada no ano anterior, chamada a *Estudiantina*. O orfeão manteve-se ativo durante os primeiros anos da década de 1880. No ano de 1888 Montes, trás anos de inatividade do dito orfeão, funda uma nova sociedade coral chamada *Orfeón Gallego* com a que logrará novos triunfos, os mais importantes, com a sua participação nos certames de orfeões de Santander (1890 e 1892) e Bilbao (1892).

Na Páscoa de 1881 o *Orfeón Lucense*, que já levava um tempo sem deixar-se ouvir em Lugo, projetou celebrar uma velada musical e dramática no teatro da cidade, que se levou a cabo na segunda-feira 18 de abril. Para isso os orfeonistas contaram com a colaboração dos membros da seção de declamação da Sociedade *El Arte* e de alguns sócios, como **Aureliano Pereira** e **Federico de la Peña Ibáñez**, assim como com a orquestra do teatro, o que se resolveu na elaboração dum programa de música, poesia e teatro. As localidades foram vendidas na sua totalidade, e muitas famílias ficaram sem poder assistir ao evento. O programa desenvolveu-se assim:

Começou a orquestra com a sinfonia da ópera "*Zampa*" de Harold. O *Orfeón Lucense* entrou depois no cenário para estrear o coro a vozes sós "*El yunque*", de Adam. Os membros da seção de declamação da Sociedade *El Arte* representaram "*Acertar por carambola*" de Ildefonso Antonio Bermejo. Trás o teatro, um novo coro a cargo do orfeão, que cantou uma belíssima "*Melodía*" de Mendelssohn.

A segunda parte da velada abriu-se com o prelúdio de "*El anillo de hierro*" de Marqués, pela orquestra do teatro. De novo o orfeão, com um difícil coro de Thomas, "*El Tyrol*". Francisco de la Peña Ibáñez e Aureliano Pereira leram poesias originais deles, o primeiro deles, uma poesia dedicada ao *Orfeón Lucense*, e o segundo ao próprio Montes. A função rematou com o coro a vozes sós de Verdi "*Los bandidos*", polo orfeão.

Meses depois o orfeão celebrou uma nova velada lírico-poética no teatro, no 4 de outubro, com o fim de dar maior luzimento às festas de S. Froilão. O programa começou também com a orquestra do Teatro, interpretando a sinfonia de "*Othello*", de Rossini. O orfeão estreou uma nova peça do seu repertório, a melodia irlandesa de "*Martha*", de Flotow. Trás a música veio a leitura de poesias de Aureliano Pereira, umas décimas ao Arte, e um romance hendecassílabo de Federico de la Peña Ibáñez ao Orfeón. Depois Ramón Ulloa, pianista, tocou uma fantasia sobre "*I puritani*" de Bellini, e para pechar a primeira parte cantou o orfeão "*El Tyrol*".

A segunda parte iniciou-se com o preludio de "*El anillo de hierro*", pela orquestra, o coro a vozes sós de Eslava "*El amanecer*" e a leitura de poesias de Leonardo Mármol e Segismundo Rois. Depois com Montes ao piano acompanhando a Alonso no violino e Latorre na flauta soou uma "*Gran fantasia sobre D. Carlo*" de Verdi. A velada rematou com a "*Alborada*" de Veiga cantada pelo orfeão.

A XAN MONTES

Travesa o ser humano
o camino d 'a vida
sin atopar en él mais que petoutos
rabuñadas y-espiñas,
donde deixa da-yalma as esperanzas
que son o seu encanto e su 'alegria
Si á vida non tivese
algun ha nobre luz q'uesa fé viva
encendese n 'os peitos
non valeria á pena de vivila
D 'o seu orixen mesmo
o home despiadado renegaría
y 'o mundo fora entónces
pras almas crentes carcere sombrisa.
Mais brinda o Arte prácidos encantos
qu 'o espíritu feitizan,
e que do mundo fan o paraíso
de que fala á tradición divina.
Y 'o Arte será eterno, pois cal dixo
un poeta qu 'a todos causa invidia,
mentres luzan os ollos d 'as neniñas
é beba o corazón n 'as súas miradas
encantos e delicias,
namentres haxa un corazón n 'o mundo
que d 'outro corazón o latir sinta
e mentres haxa un alma que suspire
o eco d 'outra alma que suspira;
mentres haxa unha mae q 'os fillos ame
- ya 'as d' haber mentres o mundo exista,
mentres haxa cores, luz e almas
arte n 'o mundo habrá y habrá poesía
Felices y dichosos
os qu 'o Arte consagra a súa vida
e sinten n 'a súa mente cal rebule
á inspiración purísima.
E feliz e dichos ti que podes
alzar á fronte limpa
e presentar en noites com 'a d 'hoxe
a recibir o aplauso que che brindas
os que teu xénio alaban
a xuventú de Lugo feita artista.

Os vítores y 'os bravos deste pueblo
sempre serán pra ti de gran estima:
¡así estimes tamen o meu aplauso
Que sal d 'o corazón de quen t 'admira.

AURELIANO J. PEREIRA (18 de abril de 1881)

(Jornal EL DIARIO DE LUGO, 20 de abril de 1881)

AL ORFEÓN LUCENSE

¡Ah! Cuan grato resuena en mis oídos
El eco de esas mágicas canciones,
Que arrancan de los pechos conmovidos
Vítors mil y justos galardones.
Hoy renováis los lauros adquiridos,
A despecho de extrañas ambiciones,
En Ferrol, Pontevedra, y donde quiera
Que alzasteis vuestra incólume bandera.

— —

En pos de tanto triunfo lisonjero,
Cruza también los mares de la ciencia
Llevando la razón por derrotero
Y por fiel timonel a la conciencia.
Seguid, imperturbables, el sendero
A que trabao presta grata esencia;
Que si éste y la virtud forman un nudo
¿Dónde encontrar más poderoso escudo?

— —

¡Oh! Con cuanto placer hoy os admiro
Y en vuestra honrosa gloria tomo parte;
Ved que siempre, anhelante, seguí el giro
De vuestra historia dedicada al Arte.
Que jamás de la envidia el fiero tiro
Rompa, alevosa, el noble baluarte
Levantado, hoy por todos, de consuno...
¿Todos dije? ¡No hay tal, que falta uno!...

— —

Manuel Bojarte murió. Dejó este suelo
Sin pena casi, casi sin disgusto;
Lo que aquí se perdió, ganolo el cielo,
Pues con la fe vivísima del justo,
Entró en la Eternidad, rasgando el velo
Que oculta del Señor el Trono Augusto.
¡La Eternidad! Océano sin playa
Ante el cual la razón tiembla y desmaya.

— —

Yo le vi como yerto, moribundo,
Presa su pecho de mortal herida...

.....
Pero dejemos duelo tan profundo
Y volvamos al punto de partida,
Que en todos los negocios de este mundo
Va la muerte amasada con la vida.
Desapareció el amigo, pues lloremos.
La Sociedad nos llama: pues cantemos.

--
Sí, cantemos, que yo con rudo acento,
Humilde bardo del soberbio Miño,
También mis notas doy al leve viento
Y con vosotros canto, sin aliño.
Vuestros mis versos son: mi pensamiento
Vuestro también, y vuestro mi cariño:
Y porque tanto afán no sea vano
Dadme desde hoy el título de hermano.

FEDERICO DE LA PEÑA IBÁÑEZ (18 de abril de 1881)
(Jornal EL DIARIO DE LUGO, 20 de abril de 1881)

Al laureado Orfeón lucense

Sobre el dolor, la pena y la amargura
Que en el trasiego humano nunca faltan,
Vino vuestra gratísima armonía
A derramar un bálsamo de calma.
Lugo, Ferrol, Coruña, Mondoñedo,
Y la vieja ciudad que el Lérez baña
Aumentaron con vítores y aplausos
Los lauros arrancados á la fama.
Por eso yo, vuestro constante amigo,
Vengo a turbar, quizás, esta velada,
Con las margas notas de mi lira
Que suena, como siempre, rota y áspera.
¿Pero cómo callar, cómo oponerme
Al férvido entusiasmo que me arrastra
Cuando paso estos ratos de ventura
Feliz, de vuestro canto con las galas?
Para alabar vuestro constante anhelo
No encuentro suficientes las palabras
Y me concreto en mi egoísmo pícaro
A demandaros una humilde gracia.
Si algún día feliz rueda mi vida
Tranquila como el pez vive en el agua,
Sin que turben los goces de mi pecho
Ni pena, ni dolor, ni amargas ansias
Venid, amigos, y con vuestros ecos
Completad las delicias de mi alma,
Pero, si en cambio, herido por la fiebre
De mi pupila la postrera lágrima
Rodase sin color, ni transparencia
Hasta perderse en la mejilla cárdena,
Trocando de este mundo las quimeras
Por la fría expresión de la mortaja
Entonces, como siempre, dulcemente,
Cantad sobre mi urna funeraria.
Los ecos de la voz son el meliflúo
Salen de vuestra armónica garganta
Modulando sin par, como la brisa
Modula su gemir en la enramada
Tienen el don de consolar al triste,

Dan calma certa á las heridas alamas,
Y vibran en mi mente placentera
Como vibra en el campo la campana
Cuando convierte el humo de las chozas
En puro incienso que á los cielos marcha.
Por eso, al dedicaros un recuerdo
Pídoos aquí, como preciosa gracia
Que si me veis feliz, con vuestras notas
Completéis las delicias de mi alma,
Y si llevo á morir, que dulcemente
Cantéis sobre mi urna funeraria.

FEDERICO DE LA PEÑA IBÁÑEZ (4 de Octubre de 1881)

(Jornal EL DIARIO DE LUGO, 9 de outubro de 1881)



Retrato de Montes aparecido no número 50 do Semanário "A Monteira",
no 13 de setembro de 1890

2. No Semanário “A Monteira” (1890)

O semanário A Monteira nasce no ano de 1889. O seu primeiro número vê a luz no 5 de outubro, dia da festa do padroeiro de Lugo S. Froilão. No seu número 35, do 31 de maio de 1890, publica o programa do certame literário e musical da Crunha organizado polo Orfeón Coruñes nº 4, que presidía Pascual Veiga. Dito certame invitava os compositores a pôr música para um hino regional galego cuja letra, escrita por Eduardo Pondal, aparecia publicada nas páginas 5 e 6 do dito número. Também saía publicada no semanário o texto de Salvador Golpe titulado "Adiós a Galicia" texto oferecido aos compositores contendentes para compor uma balada para canto (contralto ou barítono) violino e piano ou guitarra. Sobre este texto Montes compôs a balada "As lixeiras anduriñas" que obteve o primeiro premio.

Noutro número da Monteira, no mês de janeiro, o colaborador habitual Pepe das Festas escrevia uns ferretes rematando deste jeito:

Pra bom músico Xan Montes,
Pra semanáreo A Monteira,
E pra rapaz infeliz
Ninguen cal

PEPE D’ AS FESTAS

Com motivo do sucesso de Montes no devandito certame musical da Corunha -conhecido na cidade de Lugo através da imprensa a finais do mês de agosto de 1890- onde o compositor conseguiu três primeiros prêmios, e do sucesso no certame de orfeões celebrado em Santander, onde Montes conseguiu um honrosíssimo segundo premio com o seu *Orfeón Gallego*, o semanário lucense A Monteira saca um número especial no 13 de setembro (A Monteira, nº 50) dedicado a Montes. Ademais da publicação de um retrato do músico (do pintor Urbano González) e da partitura da balada premiada "As lixeiras anduriñas", o semanário oferece uns apontamentos biográficos e várias poesias de diversos autores e colaboradores do semanário.

Um dos autores foi **Eduardo Núñez Sarmiento**, autor duns versos que dedica “O eminente maestro músico D. Xoan Montes”. O diretor do semanário, **Amador Montenegro y Saavedra**, publicou un soneto "o enxebre maistro gallego Xan Montes". O autor dos textos da letra da Plegaria "El piélagu del mundo" premiada em A Crunha e da mazurca "Delante de tu reja" às que Montes pôs música, **Segismondo Rois**, também publicou uns versos. Outro autor foi **Bautista Varela**, quem usando copras humorísticas rende o seu homenagem a Montes em “Mais val tarde que nunca”.

Em números posteriores, 20 e 27 de setembro, aparecem novos signos do engenho lucense honrando a Montes em verso. No 23 de setembro publica A Monteira uns versos do médico **Xesús Rodríguez López**, amigo de Montes e autor da letra da mui célebre moinheira "O Bico", também conhecida como "Ai, Maruxiña". Estes versos vêm com a indicação de poderem ser cantados com a melodia da dita moinheira. No número 52, do 27 de setembro, aparece um poema assinado por **Pepe Raimúndez** dedicado "a Galicia e os seus orfeós" Montes no 1890 fizera 50 anos em abril e a su personalidade começava a explodir e ficar demasiado grande para uma cidade tão pequena.

O semanário A Monteira saiu por última vez no 27 de dezembro de 1890.

O EMINENTE MAESTRO MÚSICO DON XOAN MONTES

Xílgaro nado
n-o chan gallego,
rey d' os Thalías,
reisiñol tenro,
fillo d' os Dioses,
hirmán d' o Orfeo,
d' a nosa idade
novo Mendélshon,
¿queres fetizos?...
¿envexas prémeos?...
¿qué xa morreron
d' a pátreas os xéneos?...
¡Non! .. que esas luces
y-esos refrexos
y-esas fogueiras
déixannos cegos.
¡Non!... que xigante
eres n-o medeo
d' os mais xigantes
d'o mundo céltico.
Dígao Paláceos,
dígao Pacheco,
repítao Veiga,
Chané, ó d' o *Eco*.
y os Adalides,
e Montenegro.
¿Eres tí acaso
d' o mundo enxemplo
que curbe, en troques,
o chan ibero,
o mais devino
ó mais espréndido
que soña música,
que canta rezos?
Eres ti Montes...
eres ó deño,
ou con el pauto
tés, por sopoesto.
Pois, d' o contrareo,
á fé, non vexo,
como recolles,
non un *Te Deo*,

senón un feixe
de cantos meigos,
cascadas d' ouro,
lumes alcesos,
chuvia d 'alxófres,
qu' o espazo imenso
curzan, as nubes
brancas fendendo;
e pouco á pouco
maino e con tento
van ôs oídos
qu' un canto anxéleco
dando mil trovas,
mil pensamentos,
mil apraudidas
notas d' os xéneos,
¡ qu' é un paradiso
chan gallego!
Branco luas,
rayos de Febo,
brandos celaxes,
rápetos ventos,
susurros debles
d' os ameneiros,
berros d' o moucho
tral-os penedos,
d' a escura pomba
arrulos tenros;
todo recolles...
os teus alentos
van pregonando,
e van caendo
sobre d' os homes,
qu' os patreos eidos
aldraxan sempre
d' o mundo céltico,
cal un chuvasco
que ven de lexos,
envolto en copras
d' os nosos xéneos,
que din tremando
d' argullo cheos:
- «¡Calade! ... os Montes
n-o chan gallego
son os máis ricos

quizais... en xéneos»
¿querés palpalo?
¿queredes vélo?
¿dudás acaso?
Vind' a un outeiro,
baixade logo
con paso lento
e cando todos
alí cheguemos
eu, certamente,
logo direivos:
«Mirade a cume
qu' está moy lexis,
vede qu' os Montes
tocan ôs ceos.»

EDUARDO NÚÑEZ SARMIENTO (A Cruña, setembro de 1890)
(Semanário A MONTEIRA, 13 de setembro de 1890)

‘O enxebre maistro gallego
XAN MONTES

SONETO

¿Que máxicos subrimos, que agoreiros
O sacreto che deron de xuntares
'Os remores que gardan os pinares
O cantar harmonioso d' os silgueiros?

¿Quén ch' ispira eses cantos feiticeiros
Que ritratan tan ben nosos penares,
Ou qu' asomellan d' os leixanos mares
Os ecos qu' hastra nós chegan tristesiros?

Mais ¿á que perguntar cando conozo
O tenro amor que sempre lle mostraches
'A terra en que naciches, dende mozo?

Por ese amor sin trégoa traballaches
Y-o pobo que te quere ve con gozo
N-a tua frente os laurés que conquistaches.

AMADOR MONTENEGRO (Vigo, Setembro de 1890)
(Semanário A MONTEIRA, 13 de setembro de 1890)

‘O MEU QUERIDO AMIGO O LAUREADO MUSECO

D. XAN MONTES CAPON

Tranquilo n-o berce dormias: un ánxel
Mais branco qu'a neve, de páleda faz,
 Con ollos que tiñan
 O brilo d'o xénio
 E dulce mirar,
 Tua frente serena
 Rozóu c'as suas aas.
Producindo un remor cal de brisas
Que ledas reloucan n-o verde pinar.

—
Sonriuch' amoroso, con esa tenrura
Con qu' a seus filliños sorríe unha nay:
 Con moito agarimo
 Bicoute n-a frente,
 Y-en ela brilar
 Veus'ô mesmo tempo
 Leve craridá...
E tornóu á surrirch' e largouse
Sacodindo súas nítidas aas.

—
D'o ánxel garrido qu' amant' arroloute
Y-o xénio infundiuche, razón non te dás:
 Visión foi ou sono
 Alegre, fantásteco
 De tenro rapáz,
 Duróu un momento,
 Unha hora cicais,
E fuxíu, cal as sombras d'a noite.
Ante á luz d'a nacente mañá.

—
Mais n-a frente o sello quedouche d'o bico:
Marcados en ela os beizos están
 D'o bello anxeliño
 Mais branco qu' a neve
 E páleda faz;
 E como d' un ánxel
 Sinalado estás,
E son eles de Dios instrumento,
Algo en ti hay qu' é don celestial.

Por eso n-a múseca os sones qu' arrancas
D' estrano algo teñen, d'o ceo sinal;
 Y-é que sin lembrarte
 D' o bico amoroso
 Que númen ché dá,
 Remedas d'o ánxel
 O roce d'as aas,
Producindo un remor cal de brisas
Que ledas reloucan n-o verde pinar.

SEGISMUNDO RÓIS (Lugo, Setembre de 1890)
(Semanário A MONTEIRA, 13 de setembro de 1890)

MAIS VAL TARDE QUE NUNCA

Regresóu Montes c'o seu
manífic' *Orfeón Gallego*
d' o póbo de Santander
ônde foi buscar loureiro.

—
'Os xôves orfeonistas
cada ramallo lles deron
qu' efeuto de pesár móito
non foi posibre traguelo.

—
A Montes (según m'esquirben),
as nenas de mais *salero*
com' o viron tan bô mozo
seic' atrápalo quixerón...

—
¡Cá!... non me pescan agora
(dixo *Xán* pr' os seus adrentos),
mentras elas marmulaban:
¡Non ten mala pint' o merlo!

—
Y-en vareand' un pouco a frase
Veño a repitil-o mesmo:
¡Montes *non ten mala pinta*
anque x' é *paxaro vello!*

—
Pro refrendom' ô carauter,
millor ind-ô necemento,
fáltanlle bastantes anos
pr' poder chamarlle vello

—
E cand' est' éupoca chegue
d' irlle colgand' un babeiro,
goapas e garridas *xenbras*
ha d' alcontrar pra poñerlo...

—
...Y-eiqui para c'o retrato
d' o intelixente mayestro
pr' a falar d' os endevidos
que forman-o *Orfeón Gallego*.

Estes c' o gran director
segundo prémeo outuveron,
mais eu opino con moitos,
que ganaron o primeiro.

Y-unque non materealmente,
está en todol-os conceutos
qu' o noso *Galleg' Orfeón*
foi n-o Certam' o mayestro.

Pro soced' haber as veces
intringulis pol o médeo
d' algun qu' outro *presonaxe*
qu' en vez de xuzgar... ¡o vento!

En fin, qu' o nos' *Orfeón*
veu coroadado de loureiro,
con moita honr' e salú
qu' é o qu' a todos desexo...

E termino, que xá canso,
estes malisemos versos,
berrando con tod' a y-alma:
¡¡Viv' o nos' *Orfeón Gallego*!!

BAUTISTA VARELA BALBOA (Setembre de 1890)
(Semanário A MONTEIRA, 13 de setembro de 1890)

‘O LAUREADO COMPOSITOR GALLEGO
XAN MONTES (*)

Grórea á Xàn Montes o fillo de Lugo,
Grórea ô seu ome qu’ hoxe honra á Galicia,
Grórea ô que verte tal art-é delicia
De cote en total-as composiciós.
Grórea á qué sabe darll’ as *Alboradas*
Tan ledas notas e tan feiticeiras,
Grórea á quen fai componendo *Muiñeiras*
Brincar n-o peito os nosos corazós

N-as suas *Baladas*
Réspirase amor
Y-as *Pregáreas* suas
Ispiran fervor
Y-o Orfeón que ten
Dirixe tan ben
Que co-él nos certames
Non puido ninguén.

Solo por él, pra ispiarlle tod’ esto
Baixan as Musas ás beiras d’ o Miño,
Non berreis mais porqu’ el é moi modesto
e demasiado modesto.

Pois digámolo logo baixiño.
Berremos todos ¡que viva Xan Montes!
Total-as loitas viutóreas lle dan,
Trouxo pra Lugo novos hourizontes,
Porque prá múseca évos moito Xan
É moito Xan

El leva prémeos facend’ un *Tedeum*
El leva prémeos facendo *Baladas*
El leva prémeos facendo *Alboradas*
Y-en fera loita premeánll’ o Orfeón
Porqu’ o seu xénio é muy privilexiado
E puras sint’ as grandezas das artes,
Por eso premean en todál-as partes
As armonías d’ a sua inspiración

Por postreira vez,
Volvamos berrar
Que viva Xan Montes,
Antes de marchar.

XESÚS RODRÍGUEZ LÓPEZ (Lugo, Setembre 1890)
(Semanário A MONTEIRA, 20 de setembro de 1890)

(*) Esta poesía foi feita de maneira que se poda cantar c' o tono d'a muiñeira d' o Sr. Montes A Maruxiña.



‘A GALICIA

— —
y òs seus Orfeós.

I

A nosa terriña
De gozo relouca:
A santa Viudiña
Con doce risiña
Botóu lonx’ a touca
D’ indina viudés.

Que x’ acudiron merolos á bandadas
E silgueiros tamén e ruiseñores,
E mais suaves que doces trovadores
Cántanll’ á Diosa férvidas baladas
E tiranlle guirnaldas òs seus pes.

A santa Maiciña
Con doce faliña
Os dons ademite
D’ a sua casiña:
E n’ hay quen lle quite
Que soñ’ á Mamai.

Non soñas, non, Mamai d’ a nosa y-alma,
Qu’ é certo canto ves, y-o qu’ esperamos:
Inxenio e corazón che consagramos,
O noso brazo, d’ a viutori’ a palma...
Canto n-o teu confin garrido hay.

A santa Velliña,
De gozo toliña,
Contar quix’ os nenos.
D’ a sua casiña,
y-hachóu pol-o menos
dous xebres millós;

Non capitás, pois serven en Castela;
Non ministros ¡vivíran os d’ os antontes!...
Os nenos de Chané, de Veiga e Montes
Ises son, ises son, prácida Estrela,
Os dinos fillos teus, os fillos bós

Aló n-a beiriña
Qu’ o Cántabro baña

Con doce faliña,
Con suave risiña
Dixéronll' á España:
«Galicia está aquí.»

Y-ô compás de concentos celestiales
Galicia apareceu: altivas xentes,
Qu' ô noso verde chan nunca indulxentes
Tiveron que dicir: «istes chavales
Proban ben que Galicia volv' en si. »

Desperta, Terriña,
Terriña graciosa;
Desperta, pombiña,
Mais quapa qu' a rosa:
Qu' a nosa faliña
Gloriosa se fai.

Non queiras capitás: téñaos Castela:
Nin menistros (¿Si foran os d' antóntes!)
Os nenos de Chané, de Veiga e Montes
Ises son, ises son, prácida Estrela,
Os dinos fillos teus, doce Mamai.

II

E ti, Sagrado Miño,
Que tan lento te vas pr' o Oucéano,
Comunica istas novas, meu Velliño
'As ondas, pra qu' as leven de camiño
'O imenso continent' americano.

PEPE RAIMÚNDEZ (Setembre 1890)

(Semanário A MONTEIRA, 27 de setembro de 1890)

3. No Semanário “Extracto de Literatura” (1893)

No "Semanario Dosimétrico Ylustrado" (assim mesmo figura na portada) "escrito por varios gallegos de buen humor" (idem) dirigido por Enrique Labarta, editado em Pontevedra, concretamente no su número 8 de 25 de fevereiro de 1893 aparece na primeira plana um retrato de Montes e este pequeno poema:

Es un músico excelente
muy simpático y modesto
y en sus cantos se trasluce
el amor al pátrio suelo;

que aboradas y muiñeiras
retozan en su cerebro
y todas las melodías
del repertorio gallego.

Hoy las auras populares
frescas arrullan el génio
del intérprete inspirado
del espíritu del pueblo.

ENRIQUE LABARTA

(Semanário EXTRACTO DE LITERATURA, 25 de fevereiro de 1893)

4. Na velada músico-literária de Buenos Aires (agosto de 1899)

À morte de Montes sucederam-se homenagens e veladas músico-literárias com o fim de honrá-la memória do maestro e de arrecadar dinheiro para a ereção dum monumento na cidade de Lugo.

No 26 de agosto de 1899, apenas dous meses depois do falecimento de Montes, leva-se a cabo a primeira destas veladas na cidade de Buenos Aires. Foi no teatro “Español” e promovida polo Orfeón Gallego Primitivo, em atenção às exortações exprimidas por Manuel Castro López desde o jornal “El Eco de Galicia”.

A velada, mui concorrida, começou com a interpretação da “*Alborada*” de Montes pola orquestra dirigida por Paz Hermo. Seguidamente a escritora Eva Canel leu um texto da sua autoria titulado “*Excursión musical dedicada al maestro Montes*” elogiando o músico. Trás isto, o coro cantou “*Churrusqueira*”. Pôs-se em cena o drama “*La Dolores*” de Feliú e Codina, volveu tocar a orquestra uns “*Aires galegos*” arranxados por Paz Hermo. Cantou de novo o Orfeón Gallego Primitivo, esta vez a obra “*Fora d’o niño*”, balada com texto de Conde Salgado e música de Egidio Paz Hermo.

Finalmente Luís Álvarez Lafuente recitou uma poesia do escritor galego, residente em Argentina, **Ricardo Conde Salgado**, que diz assim:

O CISNE MORTO

A memoria sagrada do ilustre maestro compositor galego Don Juan Montes

Aires d'a miña terra, ventos que reloucando
n'a espesa carballeira, xemendo n'o trigal,
runxindo entre d'as follas, n'os pinos asubiando,
ora, mainiños, ora, doentes por Nadal;
paxaros cantadores, d'as veigas alegría,
xílgaros, merlos, pombos, labercas e outros mil;
auguiñas donde as mozas refrescan a porfía
as rosas d'as meixelas, que envexan as do abril;
aires d'a miña terra, regachos, aves, fontes,
outeiros, veigas, froles do chan que me criou,
morreu a vosa fada, chorade, que, de Montes,
d'a lira as cordas d'ouro un lóstrego querbou.
A frente, en que do xenio o lume sacro ardera,
cinxida de loureiros, fervente de pasión,
de un lóstrego de morte o sopro, en branca cera
deixouna convertida, orfa de inspiración.
¿Quén do labrego, filio d'a nobre patria miña,
as coitas, alegrías, traballos cantará... ?
Do noso mal bendito, d'a céltica “morriña”,
¿quén layos e tristuras co-a lira calmará ... ?
¿Quén o esquencido nome d'a probe nai gallega,
en ondas de harmonías, traspondo ó seu confín,
espallará por fora, cal a canción d' "A Segá" ,
que vai, meiga, arrolando o berce en qu'eu nacín... ?
Mais non... Feliz de Montes que o mundo abandonando,
a Fama os catro ventos seu nome esparxirá;
feliz, porque n'a terra nativa, descansando,
d'ela o regazo morno os osos cochará.
Dichoso, sí, quen cerra, dentro do lar sagrado,
os ollos para sempre, anque non haxa pan;
quen morre, cheo, fora, é un morto desdichado...
os mortos tembran, penso, c-o frío do alleo chao.
¡Ou cisne de Galicia! Cal dino monumento,
d'a cova tua en torno, voen as oraciós,
os rulos d'as pombiñas, o sospirar do vento,
co-as cántigas doridas d'os patrios orfeós!!

RICARDO CONDE SALGADO (Villa Catalinas, agosto, 1899)

(Jornal EL REGIONAL, 30 de setembro de 1899)



Leiras Pulpeiro

N-a Morte de Montes

N'e Milagre que chores
e-qu'esteñas sotelando,
miña probe Suevia, sempre en pena
que anque afeita te leva o triste fado
a ver que dos teus fillos,
che vaya a negra morte agadañando.

Aquiles mais lanzales,
Mais erguidos, locentes y espigados,
Cando n-eles te revés
E son a tua gala e o teu regalo,
Si agora ver o dreito ti poideras,
E colexiras algo,
Y a prezar ben a perda te pararas
Möres foran teu dór e mais teu pranto,
De non dares en tola, ou n'apedares,
Cando morto o teu Montes ch'ensinaron,
Pois fría aquila testa.

Aquil seu brazo
Y atoad'aquil seu corazonciño,
Cen veces avalado
Pol-as tenras dozuras
Dos nosos vellos cantos,
E sempre esmorecido,
Non sendo n-o teu colo agarimándose
Non tés pra que catar si e que te chaman
Pra algunha nova xusta d'o traballo,
Nin quen faiga que lauden o teu nome,
Donde soilo laudados son os maños,
Nin quen seipa, amosal-o ceio aberto
Y a gloria de Dios darnos
Co-a roda de lugueses

Qu'él tiña o seu comando,
Co-ise estraño adimiro d'armunias
En qu'el puxo e se sinte concertado
Todo canto resurxe e canto s'ouza
Nos, sempre recedentes, nosos agros
Cando ven vindo o día
Tras d'unha noite escura e de zarzallo...
Porque naide com'él ten sentimento,
Nin dó escollido os rautos
Y ond'él sua mau puña
Deixaba de cote algo
Que tivera o segredo
De chegar hastra yalma e d'encantarnos;
Porque sempre os seus aires nos falaban
D'os contiños do escano;
Do rou rou con que, amantes, nosas vellas
Nos teñen anainado;
D'o enrabexo d'o mozo, si a meniña
Mais d'a conta lle fixo andar rondando; ;
D'os apertos das pícaras, n-a fonte;
D'as saudades d'a chouza;
D'o noso pequenino campo-santo;
Ou d'o souto d'os bolos,
Onde mais d'unha vez temos chinado,
Y onde todol-os mozos ali xuntos
Cantando y aturuxando cababamos

N'é milagre que chores, ña naiciña,
E qu'esteñas ainda sotelando
Perdendo oque perdiche con Xan Montes
E queréndoch'él tanto, tanto, tanto!!!

† Manuel LEIRAS PULPEIRO

Poema de Leiras Pulpeiro numa página da revista "Céltiga" em Fevereiro de 1932.

5. Na velada literário-musical de Lugo (outubro de 1899)

Em Lugo, no dia 6 de outubro, às 21:30 horas no Salão do Círculo das Artes levou-se a cabo a velada literário-musical que dita Sociedade organizou com o fim de arrecadar dinheiro para levantar o antes referido monumento.

A imprensa local começava assim a crônica da velada:

"La velada organizada en el *Círculo de las Artes* para honrar la memoria del compositor lucense Sr. Montes, una de las más puras y legítimas glorias del arte musical gallego, ha sido sin género de dudas una fiesta brillantísima, de esas que perduran en la memoria de todos y que realza al pueblo donde se celebra y a la sociedad que la inició.

Jamás nos ha parecido tan hermoso como anteanoche el suntuoso salón de fiestas del *Círculo* que, con ser muy amplio, veíase de bote en bote, ocupado por una concurrencia tan numerosa como distinguida entre la cual sobresalían bellísimas mujeres, elegantemente preñadas, y crecido número de forasteros. Ni un asiento vacío en el salón, los palcos invadidos por las damas, las puertas de entrada tomadas por asalto, los pasillos repletos, los centenares de lámparas que iluminan profusamente el elegante salón préstanle un aspecto deslumbrador, resaltando los finos colores de las pinturas que adornan el plafond, los dorados de las molduras, y arrancando vivos reflejos al herir los ventanales del techo.

Allá en el fondo el palco escénico donde luce el decorado de la sala regia y en uno de los extremos, avanzando hacia los espectadores, destácase el magnífico retrato del llorado músico, del inolvidable Montes, rodeado de flores y laureles y sirviéndole de corona el glorioso estandarte de *Orfeón gallego*, el pendón que en artísticas lides fue norte y guía para conquistar lauros, de la masa coral, que con tanto acierto dirigió el insigne maestro" (LA IDEA MODERNA, 10 de outubro de 1899)

A intensa chuva que caía na noite do 6 de outubro não impediu que o público abarrotasse o salão do Círculo das Artes. A velada começou com a banda do regimento de Isabel la Católica, dirigida por Leandro Rodríguez Piedra, que interpretou a "*Fantasía sobre aires populares gallegos*" obra de Montes premiada em La Habana no 1892. Depois leu o Sr. Azpiazu as adesões recebidas por telégrafo e correio: da Reunión recreativa de artesanos da Crunha, da Liga Gallega da mesma cidade e do *Orfeón El Eco*; de Galo Salinas em nome da Redação da Revista Gallega, de Canuto Berea, de Manuel Berea em nome da Sociedad musical Orquesta Coruña, de Manuel Lugrís e de Martínez Salazar.

A continuação leram-se poesias escritas para a velada. **Manuel Amor Meilán** leu uma obra própria, o Sr. Tapia leu um poema enviado desde Mondonhedo por **Leiras Pulpeiro**, e **Miranda y Palacio** leu uma "inspiradas octavillas". Também **Eduardo Pondal** enviou desde Ponteceso um poema dedicado a Montes, mas a deficiência do correio impediu que chegasse a tempo para ser lido na velada. O jornal "EL CORREO DE LUGO" publicou no seu número do dia 10 de outubro o poema, para conhecimento dos lucenses.

A pianista Sra. Suevos de Torres interpretou "*Overture zum Volksstück: Die Irrfahrt um's Glück*" de Suppé. A primeira parte da festa rematou com o Orfeón Gallego baixo a direção de J. M. Carracedo cantado "*Nocturno*" de Montes.

Deu começo a segunda parte do ato com a interpretação a violino e piano, por Carracedo e Ulloa, das baladas de Montes "*Lonxe da terriña*" e "*Unha noite na eira do trigo*", apenas conhecida em Lugo. Seguiu um discurso do Sr. Francisco Rodríguez Besteiro.

A terceira e última parte da velada iniciou-se com a banda do regimento que tocou a "*Rapsodia sobre aires populares gallegos*" de Montes, obra premiada em Santiago no 1897. Seguiu-se com uma poesia humorística de Jesús Rodríguez López, outra de Sigismondo Rois, e as enviadas desde a Crunha por **Carre Aldao**, **Tettamancy** (que estiveram presente na homenagem, ainda que não leram pessoalmente as suas poesias), **Galo Salinas** e **Eladio Rodríguez**, estas todas em língua galega. Teresa e Josefina García interpretaram no paino, a quatro mãos, "*Il Paradiso*" de San Fiorenzo, e com tanto sucesso que agasalharam o público, fora de programa, com uma sonata de Mozart. Com a execução da moinheira "*O bico*" de Montes e Jesús Rodríguez, polo *Orfeón Gallego*, rematou a velada quando o relógio marcava a 1 da madrugada.

POR LA MEMORIA DE MONTES

Bien hacéis en rendir pleito homenaje
a la memoria del llorado artista
que al morir para el mundo, allá en la gloria
renació a nueva vida.
El convirtió su tumba en un sagrario ...
Verted en ella frescas siemprevivas .. ,
Ya hará el sol de su gloria, que conserven
color y lozanía.
Peregrinos del Arte, allí debemos
ir a encar fervorosos las rodillas
en busca de la Fé que inspiró siempre
sus dulces armonías;
y ya que siempre nuestra fue su alma,
y nuestras son sus últimas reliquias,
ya que aún después de muerto, con su gloria,
amante nos cobija,
¡que su santa memoria en nuestros pechos
con indelebles caracteres viva
y en el altar de nuestros corazones
culto y fe se le rinda!

Hay hombres que jamás mueren del todo
aunque les hiera la segur impía,
como hay muertos también que viven siempre
en la gloria infinita.
La inmensidad del genio, se remonta
a la región donde los astros brillan
y allí, con luz eterna se destaca
espléndida y magnífica.
Pero es tan torpe el pensamiento humano,
la humanidad tan pobre y mezquina,
que indiferente ve como los soles
en la ancha esfera giran
y es preciso contarle sus grandezas,
mostrarle sus excelsas maravillas,
de tal modo, que pueda comprenderlas
su ignorancia supina.
Por eso el mundo, en mármoles y en bronce
con imborrable huella dejó escrita
la gloria del guerrero y del poeta,
del sabio y del artista.

¿Queréis también en mármoles y en bronce
conservar la memoria bendecida
del cisne que, al morir lanzó a los vientos
sus dulces melodías?
De eterna gratitud prenda sagrada,
con vuestra admiración se identifican
cuantos aman las glorias y grandezas
de esta tierra querida.
No estaréis solos en tan ardua empresa;
madre amorosa siempre fue Galicia
y por sus hijos da cual buena madre
su ser, sangre y vida.
No estaréis solos en la noble empresa.
Pregonad el empeño que os anima,
y veréis como nadie el cumplimiento
de su deber esquivada.
Surgirá el monumento de la fosa
como evocado por la voz divina
que no es tierra de ingratos, esta tierra
amorosa y bendita.

Ya creo ver surgir de entre las sombras
el monumento del insigne artista ..
Al pie del pedestal, sobre sus gradas,
sus coronas le brindan
cuatro figuras de perfil divino
como brotadas del cincel de Fidias,
que velando la gloria del maestro
su genio simbolizan.
La efigie de la Fé, sagrada y pura,
a la cruz santa del Señor asida,
murmura las plegarias inmortales
a la Virgen María.
La soñadora y pálida Balada
vaporosa destácase e indecisa
envuelta en los girones de saudosa
dulce melancolía.
El gallego gentil, duro y apuesto
que atrás dejando amores y familia
entona el alalá triste y doliente,
muy lonxe da terriña.
Y en fin, la picaresca labradora
de rojo dengue y cofia blanca y limpia

que va soñando en amorosos besos,
la alegre Maruxiña.
En el marmóreo pedestal, destácanse
en soberbios relieves esculpidas
el arpa de David, la gaita celta
y la ossiánica lira,
y una inscripción ornada de laureles
en que se lee un nombre y una cifra
y junto al nombre ilustre, el de la tierra
en que vino a la vida.
Que están ya unidos en la Historia
y es esta unión tan apretada e íntima
que nadie puede separar los nombres
de Montes y Galicia.
Por último, gallarda y majestuosa,
la efigie del maestro, del artista
que unió al humor alegre de Rossini
la fe de Palestrina ...
Es él, con su espaciosa y tersa frente
donde la luz del genio luce y brilla,
con su mirada vaga y soñadora
y su afable sonrisa.

.....

¡Oh! Que no sea un sueño solamente
que forja la exaltada fantasía ..
Perpetuad de una vez y sin desmayos
memoria tan bendita ...
De eterna gratitud prenda sagrada,
con vuestra admiración se identifican
cuantos aman las glorias y grandezas
de esta tierra querida ..
Dad vida al bronce y animad el mármol,
recorred sin temores la ancha vía,
que no habrá un corazón que al solo nombre
de Montes no se rinda;
y si hallaréis al paso entre las flores
el áspid venenoso de la envidia ..
no seáis con él piadosos ... ¡Aplastadle
y pasad por encima!

MANUEL AMOR MEILAN

(Jornal EL REGIONAL, 8 de outubro de 1899)

N'A MORTE MONTES

N' é Milagre que chores
E qu' esteñas sotelando;
Miña probe Suevia, sempre en pena;
Que anque afeita te leva o triste fado
A ver que, d' os teus fillos,
Che vaya á negra morte agadañando
Aquiles mais lanzales,
Mais erguidos, locentes y espigados,
Cando n-eles te reves
E son á tua gala e o teu regalo,
Si agora ver ó dreito ti poideras
E colexiras algo,
Y a prezar ben a perda te pararas,
Móres foran teu dór e mais teu pranto,
De non dares en tola, ou n' apedare,
Cando morto o teu *Montes* ch' ensiñaron,
Pois, fría aquila testa,
Rexiño aquil seu brazo
Y atoad' aquil seu corazónciño,
Cen veces avalado
Pol-as tenras dozuras
D'os nosos vellos cantos
E sempre esmorecido
Non sendo n-o teu colo agarimándose,
Non tés pra que catar, si é que te chaman
Pra algunha nova *xusta* d'o traballo,
Nin quen faiga que lauden o teu nome
Donde soilo laudados son os maños,
Nin quen seipa amosal-o ceio aberto
Y a groria de Dios darnos
Co-a roda de lugueses
Qu' él tiña ó seu comando,
Co-ise estraño adimiro d' armunias
En qu' él puxo e se sinte concertado
Todo canto resurxe e canto s' ouza
N-os, sempre recedentes, nosos agros
Cando ven vindo o día
Tras d'unha noite escura e de zarzallo...
Porque naide com' él ten sentimento,
Nin d'o escollido os rautos,
Y ond' él sua mau puñía
Deixaba de cote algo

Quen tivera o segredo
De chegar hastr'a yalma e d'encantarnos;
Por que sempre os seus *aires* nos falaban
D'os contiños d'o escano,
D'o rou rou con que, amantes, nosas vellas
Nos teñen anainado,
D'o enrabexo d'o mozo, si a meniña
Mais d'a conta lle fixo andar roldando,
D' os apertos d'as pícaras, n-a fonte,
Pra non crebal ó xarro
D'as saudades d'a chouza,
D'o noso pequeniño campo-santo
Ou d' o souto d' os bolos.
Onde mais d' unha vez temos chinado
Y onde todol-os mozos alí xuntos
Cantando y atruxando *acababamos...*
N' é milagre que chores, ña naiciña,
E qu' esteñas aínda sotelando
Perdendo o que perdiche con *Xan Montes*
E queréndoch' él tanto, tanto, tanto!!!

MANUEL LEIRAS PULPEIRO (Mondonhedo, setembro de 1899)

(EL CORREO DE LUGO, 23 de junho de 1900)

GALICIA Y MONTES

A las Srtas. D^a. Juana y D^a. Asunción Montes

I

Galicia, idílica tierra
De los bosques rumorosos
Do aún resuenan misteriosos
Ecos del culto cantar;
Dulce región impregnada
De grata melancolía,
Manantial de poesía
Que gime como tu mar.

No es preciso haber nacido
En tu suelo para amarte:
Que al verte, solo admirarte
Sabe ufano el corazón.
Fresco oasis de verdura
De España al norte extendido,
Hermoso rincón florido,
¡Cuántos tus hechizos son!

Tu sol brilla, mas no quema;
Tibias son tus auras suaves;
Y como flautas tus aves
Arpegian trinos de amor.
El aroma de tus flores
Letal sopor nunca infunde,
Y plácida se difunde
Tu luz de suave fulgor.

Todo en ti, Galicia hermosa,
Tiene encanto indefinible;
Hasta tu lengua apacible
Dejos tiene de la miel.
No envidies tierra del norte,
Ni la luz ni la alegría
Del risueño mediodía:
También eres tú un vergel!

Allí, graciosas colinas
Festoneadas de pinares
Do el aura miente cantares
De melancólico son;

Aquí, el fresco bosque umbrío
De robles y de castaños
En cuyas grietas los años
Dejando van su impresión.

Allá, verdes maizales
Con sus penachos dorados
Que por el viento agitados
Producen suave rumor;
Acá, mieses amarillas
De la colina en la falda
Entre franjas de esmeralda
Que esparcen grato frescor.

Sobre la cumbre del monte
La blanca ermita resalta:
Allí la erigió tan alta
Del noble pueblo la fe,
Y abajo en el valle ameno
La humilde aldea entre frondas
Arrullada por las ondas
Del río que corre al pie.

Mirad qué espejos inmensos!
En su límpida tersura
Refléjase la hermosura
De su marco encantador.
Y del fondo transparente
Islas surgen deliciosas,
Creaciones caprichosas
De algún genio ensoñador.

Ah! son las mágicas rías;
Parece que van gimiendo
Sus ondas lentas sintiendo
Suelo tan bello dejar,
Y con doliente murmullo
Deslízanse perezosas
Porque marchan pesarosas
A dar su tributo al mar.

¡Qué grato, augusto silencio!
Desmaya el sol tras el monte
Dejando en el horizonte
Huellas de rojiza luz,

Y por la opuesta colina
Váse la luna asomando
Su primer rayo besando
De la espadaña la cruz.

Después el valle ilumina;
Las brisas ya se han dormido;
De una campana el tañido
El aire tenue rasgó,
Y allá en el fondo del valle
Nota lenta, acompasada,
De cadencia prolongada
Dulce y lánguida vibró.

Es la hora del misterio,
En que el alma, recogida,
Más viva siente la herida
Que causó en ella el dolor,
O ya tierna, enamorada,
Sonriente, ufana y pura
Goza feliz la dulzura
De los transportes de amor.

Y esa nota es un gemido,
O expresión es de alegría;
Pues lleva esa melodía
En su dulce suavidad
El tono de estos paisajes
Tormento de la pintura,
Mezcla extraña de tristura
Y vaga diafanidad.

Risueños al par que tristes
Tus campiñas y tus cantos
De misteriosos encantos
Llenos, oh Galicia! están.
Y a tu clásico instrumento
Y a tu *alalá* dulce y grave
Su perfume agreste y suave
Romero y tomillo dan.

Tal vez por eso tu gaita
Ríe y llora, canta y gime;
Pero siempre, siempre oprime
Blandamente el corazón,

Que en sus notas hay arrullos
De la brisa entre tus frondas,
Hay gemidos de estas ondas,
Gritos de tu tradición.

Ah, sí! la gaita es Galicia
Y es mi Asturias, esa tierra
Vecina suya que encierra
Esta belleza sin par
La misma grata frescura,
Los mismos dulces rumores
Los mismos suaves verdores,
Y estos cantos, cielo y mar.

¡Oh suelo privilegiado!
Níveas flores tropicales
Y árboles meridionales
Su aire embalsaman también,
Y pregonan su abolengo
Dólmenes, *castros* y ruinas
Ceñidos por las neblinas
Que flotan en este edén.

Fresco oasis de verdura
De España al norte extendido,
El Cielo te ha bendecido
Y sus galas te vistió.
Tierra del norte bendita,
Más que tú ninguna hermosa
No te muestres envidiosa
Pues Dios en ti se miró.

II

Y en este suelo fecundo
En dulcísimos sonidos
Dio sus primeros latidos
De un artista el corazón.
En medio de esta hermosura.
Nació afortunado Montes;
La luz de estos horizontes
Encendió su inspiración.

¿Quién sabe? Su alma sensible
Absorte se embelesaba

En la niñez si escuchaba
Los lamentos del pinar,
O cuando en noche serena
En sus pliegues le traía
El aura la melodía
De un campesino cantar.

Soñaba su alma de artista
Percibiendo en los sonidos,
Que varios y confundidos,
Produce la creación
Harmonías misteriosas
Para el vulgo inadvertidas,
Combinaciones perdidas
Del celestial diapasón.

¿Qué alma de artista no sueña?
Sueños mil veces benditos
Son esos, porque transcritos
En el mármol o el papel
Eternizan la memoria
De esos grandes soñadores
Que irradiaron resplandores
Con su pluma o su cincel.

Resplandores que descubren
De otra vida los senderos,
Más allá de los linderos
De esta vida terrenal.
Celeste luz cuyos rayos
Brillan más cuanto más lejos:
¡Son los vívidos reflejos
Del espíritu inmortal!

¿Quién fue Montes? Un creyente
Y un alma dulce e inspirada
Que fijando la mirada
En su Galicia y en Dios,
Entusiasta y convencido
Cantó de Dios la grandeza,
De Galicia la belleza
Y el culto que dio a los dos.

Cuando canta a Dios, su musa
Si dulce, es sobria y austera,

Es solemne y es severa
Como el grande Jehová.
Pero si a Galicia canta
Entonces su tierna lira
Gime amorosa y suspira
Como el antiguo *alalá*.

Oid sino esos tesoros
Que en muiñeiras y alboradas
Y en suavísimas baladas
Espontáneo derramó.
Son de estos bosques rumores,
Son de estas auras arrullos,
De estas rías son murmullos
Que en la *gama* recogió.

Son el eco de su alma,
De estas tierras son latidos...
Montes y Galicia unidos
Sin separarse jamás.
El Schubert fue de su patria
Y así lo dirá la historia;
Esta es su envidiable gloria;
No fue menos ni fue más.

En estos luctuosos días
En que todo se oscurece
Y la gloria desaparece
Y es negro lo porvenir,
Noble Lugo, ilustre cuna
Del gran cantor que perdiste,
Llora tú también, ¡ay triste!
¿Qué has de hacer sino gemir?

Hoy también contigo gime
El que con él algún día
Los triunfos compartía
De su laureado Orfeón,
Tu dolor, Lugo, es el mío,
Juntos ¡ay! los dos lloremos
Y a Dios juntos elevemos
Por él ferviente oración.

Más en medio de tu pena
Mira a tu artista querido

Para siempre aquí dormido
Donde le has visto nacer.
Hijo amante, en ti su gloria
Dejó toda reflejada;
Lejos de ti no amó nada
De su Lugo quiso ser.

Honra esa preciada tumba
Que el polvo del hombre encierra;
Del genio queda en la tierra
Lo que es destello de Dios,
La inspiración, que no muere,
Los espléndidos fulgores
De los grandes soñadores;
Feliz tú! Montes, adiós...

ARMANDO MIRANDA Y PALACIO

(Jornal EL REGIONAL, 8 de outubro de 1899)

NA MORTE DE MONTES

Meigas alboradas
do país galego,
cantos da terriña
sempre feiticeiros...
¡quén soupera coma él, escoitarvos!
¡quén soupera coma él, comprendervos!

Queixumes de pinos
que abanea o vento...
música de rulas
entre os ameneiros...
¡eso foran suas doce baladas!...
¡eso foron seus doces concertos!

Feixes de'armunías
axuntóu á eito,
e cando con arte
foinos desfacendo,
parescían chiar de páxaros...
parescían ruxir de regueiros...

Corazón de artista
de amor patreo cheo
nas cantigas suas
- gloria dos eidos. –
hay de cote galeos de gaitas...
hay de cote asubíos de merlos...

Cos enxebres cantos
do seu chau paterno
foi de trinfo en triunfo
polos chaus alleos.
¡El cal nadie, ganaba renome!
¡El, cal nadie, ganaba loureiros!

As suas melodías
- música do ceo
branda e garimosa –
teñen algo meigo
somellante òs cantares das fadas...
somellante òs celestes concertos...

A salvar su nome
de olvido dos tempos
viven obrigados
todol-os galegos.

¿Non foi él un dos grandes artistas
¡Non foi é un dos grandes maestros?

ELADIO RODRÍGUEZ GONZÁLEZ (A Crunha, 1899)

(Jornal EL REGIONAL, 9 de outubro de 1899)

¡MONTES!

Parteu o *Cisne* de Lugo,
parteu pra sempre jamás;
de lioto Lugo se viste,
Galicia de loito está.

Pero o *Cisne*, en troques deixa
unha sona colosal
que recollen xuntamente
Lugo e Galicia na mais.

Apenada está Galicia,
Lugo esconsolado está;
ao par coran soidades
pol-o *Cisne* sin rival...

Mais en troques, seu espíritu
voando, voando vai
pol as rexiós onde mora
tan sò á INMORTALIDÁ.

FRANCISCO TETTAMANCY (A Crunha, 6 de outubro de 1899)

(Jornal EL REGIONAL, 9 de outubro de 1899)

A memoria do eminente músico

DON JUAN MONTES CAPÓN

—
¿Que ti morriches...? non, morren aqueles
que fuxindo do mundo, non deixaron
 á luminosa estela
 que os rutilantes astros
van deixando no ceo, ao camiñaren
 buscando seu ocaso.

¿Que ti morriches...? non, que non morreron
os génios da harmonía, que pasaron
 falando á nosa yalma
 con melodiosos cantos
pra que voase, e logo, aló na groria
 facerlle coro, aos anxos.

¿Que ti morriches...? non, vives cal viven
Dante, Mozart, Cervantes, Goya, Tasso,
 que encheron n-este mundo
 das artes os espazos,
cal ti, Montes, que eisistes na memoria
 dos nobres galicianos.

GALO SALINAS RODRÍGUEZ (A Crunha, 4 de outono de 1899)

(Jornal EL REGIONAL, 9 de outubro de 1899)

¿Que morreu o xenial maestro?
Non é de certo ¡non! ¿Morrer? Seu corpo;
Mais seu espírito entre nosoutros vive
Enchendo todo Lugo seu recordo.

Non é de certo ¡non! O corpo morre;
Mais sempre queda acceso ò pensamento...
¡Non! Montes non morreu, perdura, vive...
¡Os xenios nunca morren, son eternos!

EUGENIO CARRÉ ALDAO (A Crunha)

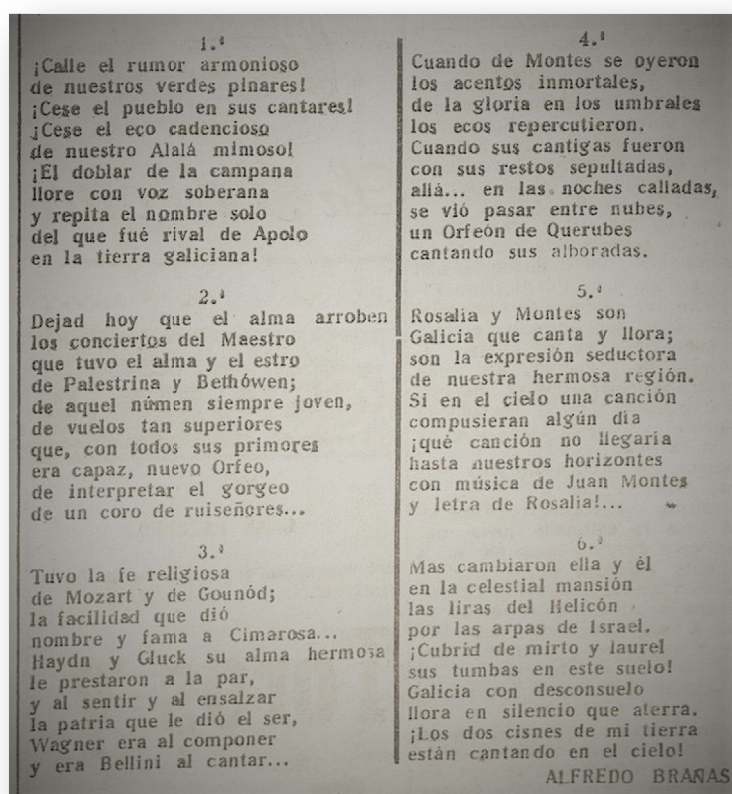
(Jornal EL REGIONAL, 9 de outubro de 1899)

A MEMORIA DE JAN MONTES

 Todo ás leis obedece
 D'un profundo destino:
 Morre todo o q'hé feble,
 Todo o q'hé fugitivo:
Mas de certo non pasa, non morre
Das almas sublimes o grande sonido.
 Morren os vanos ecos
 Do vanidoso siglo;
 Dos necios é pigméos
 Morre o estrepitoso indigno:
Mas non morre, por sempre perdura,
Das almas sublimes o grande sonido.
 Dos bárbaros tiranos,
 Morre o violento exicio;
 Morre o robusto ferro,
 Morre o tormento esquivo,
mas nos siglos futuros retumba,
Das almas sublimes o grande sonido.

EDUARDO PONDAL (Ponteceso, 3 de outubro de 1899)

(Jornal EL CORREO DE LUGO, 10 de outubro de 1899)



As décimas de Alfredo Brañas publicadas no jornal La Noche no 1949

6. Na velada literário-musical de Santiago (novembro de 1899)

Do mesmo jeito em Santiago de Compostela celebrou-se uma velada literário-musical organizada pela "*Liga Gallega*", de quem era presidente Salvador Cabeza de León e secretário **Alfredo Brañas**. Sucedeu num domingo 5 de novembro, noite mui chuvosa também, às 8 da tarde no Teatro Principal da Rua Nova Santiago.

O programa, como o de Lugo, disposto em três partes, começava com música a cargo da Banda Municipal dirigida por Juan M^a López interpretando "*La corte de Granada*", de Chapí. O pianista Enrique Lens leu uma biografia e um juízo crítico das obras de Montes. Daniel Méndez Brandón, acompanhado ao piano por Lens, cantou o monólogo de "*La tempestad*" de Chapí.

Luís Rodríguez Viguri leu uma poesia em galego escrita pelo seu pai, **Luís Rodríguez Seoane**, e dedicada a Montes. O afamado barítono Castor Méndez Brandón cantou, com acompanhamento de Lens, um ária da ópera "*Fausto*" de Gounod. Rematou esta primeira parte com a Banda Municipal tocando a Gran "*Sonata galega*" de Montes.

A segunda parte deu começo com a Banda do Regimento de Zaragoza tocando a "*Suite nº 1*" de Grieg. Juan García Millán leu uma poesia da sua autoria, seguidamente escutou-se a balada de Montes "*As lixeiras anduriñas*" cantadas por Daniel Méndez Brandón, acompanhado no piano por Lens.

Segundo García de la Riva leu umas décimas de Alfredo Brañas. Ante a ovação do público que levantou o poema, Segundo García (presidente na altura do *Ateneo León XIII*) disse a Brañas: "*Conste que essa ovação é para você, porém os fólhos são para mim*" Essa é a razão de que as famosas décimas de Brañas permaneceram ocultas durante méio século!

Depois da leitura das décimas Castor Méndez Brandón cantou, acompanhado por Lens, a balada de Montes "*Lonxe da terriña*" A segunda parte do ato rematou com a "célebre *Alborada* de Juan Montes" tocada pela Banda do Regimento de Zaragoza.

A terceira e última parte da velada iniciou-se com o duo de "*I puritani*", por Castor e Daniel Méndez Brandón acompanhados por Enrique Lens. Seguiu uma intervenção do presidente do Círculo das Artes de Lugo, Sr. Rodríguez Besteiro, invitado pela *Liga*, um discurso de agradecimento polo presidente da "*Liga Gallega*" e e deveria ter rematado o ato com a moinheira de Montes "*O bico*" tocada pela orquestra dirigida polo violinista José Curros, mas um barulho produzido nas galerias do Teatro causou a interrupção da música e o Sr. Curros abandonou o cenário indignado.

As poesias de Seoane e Brañas dizem assim:

A LA MEMORIA
Del maestro gallego de música
DON JUAN MONTES

As foliadas que pasan n'aldea
 imaxe, Galicia,
 de tí poden ser.
Cant' armonía teu xenio crea
 en cantos é bailes
 tí fas comprender.

Raparigas con dengues de grana
 xa vexo acudindo
 collidas as mans;
E n'a torre d'a igrexa á campana
 espalla n'os aires
 seus vivos afans.

Van os mozos cruzando sendeiros
 en pláticas ledas
 con garbo xentil,
E resoan por touzas e outeiros
 d'a gaita alboradas
 c'o seu tamboril.

Paxariños n'os arbres saltando
 a música alegre
 parecen ouvir,
E os compases d'a gaita imitando
 seus trinos porfían
 tamen por seguir.

Os regatos murmullan bulindo
 con meiga armonía,
 con son celestial;
E d'o fondo d'as augas salindo
 as Ninfas semellan
 romper o cristal.

D'esas festas de tanta alegría,
 de tantos coloquios,
 segredos d'amor,
Unh' aldea que ten romaría
 de copras é bailes
 recolle o primor.

Tan soy'a os seus fillos a música inspira
pra ser com'a chave
d'o seu corazón;
Pra ser com' espello en que meiga
se mira y á os xenios regala
d' á sua rexión.

Ese fillo tamen inspirado
n' o chan de Galicia
fai pouco se veu...
Hoxe dorme n'a beira acochado
d'as ondas d'o Miño
q'o berce era seu.

Mais as notas subrimes de Montes,
as suas muiñeiras,
os seus alalás,
Repetidos en eidos é fontes,
igual que en palacios,
Galicia ouviras.

E ó gallego que lonxe d'a eira
de mal de lembranzas
se sinte muchar
Cand'escoite sonar á muiñeira
cantando n'o leito
pondrase á bailar.

Xunto adro d'o tempro d'aldea
verá á romaría,
as cestas n'o chán,
O viño nas pipas que moito olfatea,
e preto os moletes
e as roscas de pan.

¡Oh, Galicia!, meu chán, miña terra,
d'os fillos que suben
o teu Sinaí,
As tablas d'a groria que gardan encerra,
porqué eles vivindo
honraron a ti.

LUIS RODRÍGUEZ SEOANE

(Jornal "EL ECO DE SANTIAGO", 6 de novembro de 1899)

DÉCIMAS DEDICADAS A LA MUERTE DE MONTES

1ª

¡Calle el rumor armonioso
de nuestros verdes pinares!
;Cese el pueblo en sus cantares!
¡Cese el eco cadencios
de nuestro Alalá mimosol
¡El doblar de la campana
llore con voz soberana
y repita el nombre solo
del que fué rival de Apolo
en la tierra galiciana!

2ª

Dejad hoy que el alma arroben
los conciertos del Maestro
que tuvo el alma y el estro
de Palestrina y Bethowen;
de aquel númen siempre joven,
de vuelos tan superiores
que, con todos sus primores
era capaz, nuevo Orfeo,
de interpretar el gorgojo
de un coro de ruiseñores...

3ª

Tuvo la fe religiosa
de Mozart y de Gounód;
la facilidad que dió
nombre y fama a Cimarosa...
Haydn y Gluck su alma hermosa
le prestaron a la par,
y al sentir y al ensalzar
la patria que le dió el ser,
Wagner era al componer
y era Bellini al cantar...

4ª

Cuando de Montes se oyeron
los acentos inmortales,
de la gloria en los umbrales
los ecos repercutieron.
Cuando sus cantigas fueron
con sus restos sepultadas,
allá... en las noches calladas,
se vió pasar entre nubes,
un Orfeón de Querubes
cantando sus alboradas.

5ª

Rosalía y Montes son
Galicia que canta y llora;
son la expresión seductora
de nuestra hermosa región.
Si en el cielo una canción
compusieran algún día
¡qué canción no llegaría
hasta nuestros horizontes
con música de Juan Montes
y letra de Rosalía!...

6ª

Mas cambiaron ella y él
en la celestial mansión
Jas liras del Helicón .
por las arpas de Israel.
¡Cubrid de mirto y laurel
sus tumbas en este suelo!
Galicia con desconsuelo
llora en silencio que aterra.
¡Los dos cisnes de mi tierra
están cantando en el cielo!

ALFREDO BRAÑAS MENÉNDEZ (21 de outubro de 1899)

(Jornal "LA NOCHE", 23 de junho de 1949)